



Inovatio Juris

Inovatio Juris Journal

2(2): 31-42, 2023

ISSN: 2764-6300

UMA ANÁLISE FILOSÓFICA E HISTÓRICA DOS CONCEITOS DE ÉTICA E SUA RELAÇÃO COM A DIGNIDADE DA PESSOA HUMANA

A PHILOSOPHICAL AND HISTORICAL ANALYSIS OF THE
CONCEPTS OF ETHICS AND THEIR RELATIONSHIP WITH
THE DIGNITY OF THE HUMAN PERSON

José Leonardo da Silva

Professor dos cursos de Bacharelado em Direito/ Licenciatura em Biologia/ Licenciatura em Letras no Centro de Ensino Superior de Arcoverde (CESA). E-mail: joseleonardosilva640@gmail.com

Marcos Felipe Calado Jatobá

Graduando no curso de Licenciatura em Biologia, no Centro de Ensino Superior de Arcoverde (CESA). E-mail: marcosfelipecj2004@gmail.com

RESUMO: O estudo da ética faz-se necessário e sua aplicação fundamental na conjectura de cada estágio da vida humana. Perceber suas implicações na vida social se dá de modo muitas vezes natural, visto ser parte da cultura dos povos. Assim, a ética é parte da vida, e como reflexão filosófica age orientando a conduta das pessoas, dirigindo os rumos da sociedade. Deste modo, abordar esta temática é algo importantíssimo, pois quando não agindo éticamente o homem revela-se como um ser violento, egoísta e colocando em risco sua própria existência. Diante disso, o presente artigo apresenta uma análise filosófica e histórica abordando as diferentes concepções de ética. Para o

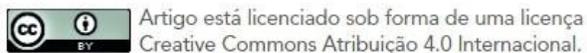


desenvolvimento deste assunto tomamos como metodologia uma série de pesquisas bibliográficas onde foi possível constatar a evolução dos conceitos de ética e ao mesmo tempo perceber o quão influente é na condição humana, sobretudo no que tange dignidade que se faz percebida a partir de uma ótica histórica, visto ser concebida evidentemente com grandes diferenciações. Para melhores resultados tomou-se como base os períodos histórico-filosóficos para analisar e entender a visão de mundo de cada momento e, também, a partir de referenciais teóricos, tais como Sócrates, Aristóteles, Maquiavel, Kant, entre outros, foi possível a fundamentação deste assunto que sem dúvidas é inerente ao ser humano em todos os estágios e períodos históricos.

PALAVRAS-CHAVE: Ética, Dignidade humana, Cidadania, Filosofia, Direito.

ABSTRACT: The study of ethics makes it necessary and its fundamental application in the conjecture of each stage of human life. Perceiving its implications in social life is often natural, since it is part of the culture of peoples. Thus, ethics is part of life, and as a philosophical reflection it acts to guide people's conduct, directing the course of society. Thus, addressing this issue is something very important, because when man does not act ethically, he reveals himself as a violent, selfish being and putting his own existence at risk. In view of this, this article presents a philosophical and historical analysis addressing the different conceptions of ethics. For the development of this subject, we took as methodology a series of bibliographic researches where it was possible to verify the evolution of the concepts of ethics and at the same time to perceive how influential it is in the human condition, especially with regard to dignity that is perceived from a historical perspective, since it is clearly conceived with great differentiations. For better results, it was taken as a basis the historical-philosophical periodicals to analyze and understand the worldview of each moment and, also, from theoretical references, such as Socrates, Aristotle, Machiavelli, Kant, among others, it was possible to substantiate this subject that without doubts is inherent to the human being in all historical stages and periods.

KEYWORDS: Ethics, Human Nature, Citizenship, Philosophy, Law.



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

1. INTRODUÇÃO

É consenso que a ética tem seu nascimento na Grécia antiga. Sobretudo, com os questionamentos de Sócrates para com os cidadãos atenienses. Este, que ao indagar as pessoas de sua época, as fazia refletir sobre suas próprias convicções, inaugura uma nova abordagem: a crítica. Sobretudo voltada para as questões sociais. Isso o mencionado filósofo assume com voracidade filosófica até as últimas consequências. Ele por meio da dialética fez as pessoas pensarem sobre suas opiniões e as questionando sobre por qual motivo o conhecimento, por elas defendido, poderia ser atestado como verdadeiro. Tal prática fora uma atividade purificadora, por assim dizer, visto despertar as pessoas das ilusões que acreditavam ser a verdade. Assim, fazia nascer novas ideias em mentes que outrora estavam obscurecidas pelo senso-comum.

Simultâneo a tal maêutica - isto é, o ato de parir ideias - nascia o campo da filosofia moral, ou ética filosófica. Questionando verdades pré-estabelecidas, Sócrates provocava a definição de conceitos, a justificação de costumes e a reflexão sobre hábitos. As pessoas começam a questionar o porquê de serem como são, ou seja, o seu modo de ser, o seu caráter. Palavra

que em grego é designada por **ethos**(εθος), assim nascia a ética.

Assim, entendendo moral como o conjunto de hábitos, costumes, valores e normas próprios de determinada sociedade, cultura ou grupo social. Ética pode ser compreendida como a reflexão acerca desses conceitos. Uma análise racional e lógica sobre a moral. Para fins didáticos, um diálogo entre ética e moral seria com a moral dizendo: "Tal costume é certo"; "Tal costume é errado". E a ética responderia: "Por que tal costume é certo?"; "Por que tal costume é dito como errado?". E ainda por cima, a ética indagaria o que é o certo e o que é o errado.

Tendo a ética nascido com os questionamentos de Sócrates, ela vem a ser sistematizada pelo pupilo de seu aluno Platão, Aristóteles. Este último definia ética como tudo aquilo que conduziria o homem á felicidade. Logo, tudo que o homem faz, na concepção Aristotélica, seria para alcançar a felicidade. Seja a felicidade de si mesmo, seja do outro. Defendendo, dessa forma, uma doutrina filosófica conhecida como eudaimonismo. **Eudaemonia**(εὐδαιμονία), palavra obviamente derivada do grego, formada por dois vocábulos: *Eu*, que relativo ao bem ou aquilo que é bom; *Daemon*, entidade grega responsável por guiar o caminho dos homens e trazer para eles luz e sabedoria divina. E nesse caminho, rumo a felicidade, Aristóteles defende que a única maneira alcança-la seria através da **justa-medida** ou **meio-termo**. Através da **virtude**, a mesma que vai ser conceituada, em Aristóteles, como o equilíbrio entre dois vícios, sendo um por falta e outro por excesso.

2. ÉTICA DAS VIRTUDES

Na Grécia antiga, a virtude era colocada como a excelência do caráter de um ser. A palavra grega que denotava virtude seria **areté**, que também pode ser traduzida como **excelência**. Este conceito não estava necessariamente vinculada a qualidades morais. Por exemplo, a *areté* de uma rosa, seria a sua beleza e o seu odor, e a *areté* de uma faca, seria o quão bem ela executa a função a qual foi projetada, o corte.

Primariamente, o conceito de *areté* foi utilizado nas escritas de Homero e Hesíodo. Na literatura homérica, virtuosos eram os personagens masculinos bravos, patriotas, honrados e hábeis. Força e coragem eram atributos bem valorizados, associados a nobreza. Na Grécia Antiga, tais virtudes eram uma condição atribuída aos cidadãos, ou seja, pessoas sem as características descritas eram consideradas menos dignas.

É curioso destacar que a educação era fundamentada nestes atributos, para os atenienses, o homem ideal é aquele portador de tais aspectos. Hesíodo, em suas obras *Teogonia* e *Os trabalhos e os dias*, coloca a virtude como justiça e o trabalho duro. Para Hesíodo, a virtude nasce com o esforço e com o suor, como que exaurissem de uma vontade ou determinação pessoal do indivíduo.

Mais tarde, o conceito passa a ter um significado filosófico ético-moral, com a tríade da filosofia grega - Sócrates, Aristóteles e Platão. Em Sócrates, que é considerado um marco na história da filosofia, atenta para as questões antropocêntricas, isso realiza na polis uma revolução na forma de enxergar a

vida humana e suas relações na organização temos que virtude ética é o conhecimento do bem. E que se fazemos um mal é porque o ignoramos.

Chegando com o livro *A República*, Platão elenca quatro virtudes cardeais: **prudência** ou **sabedoria**, **fortaleza** ou **coragem**, **temperança** e **justiça**. Cada uma teria relação com face da alma humana - Racional, Irascível e concupiscente, respectivamente (referente as três primeiras) - . A justiça, ainda, era relacionada a vida na cidade(*pólis*) e era dita como a virtude perfeita. Segundo ele, as quatro virtudes devem ser vistas como uma única entidade para se viver de maneira harmônica e são fundamentais para o bem-estar e progresso do indivíduo e da sociedade.

Um ponto de convergência entre Sócrates e Platão é que ambos vêm no conhecimento como o meio de agir conforme o ético, logo, as pessoas não erram por maldade e sim por ignorância. Assim, a educação do homem é uma constante busca, um investimento que começa pelo comprometimento de cada um em vista de elevar a alma por meio da conquista das virtudes. Vale aqui, questionar o que vem a ser essas virtudes na praxi humana, pois não se trata de algo simplesmente metafórico.

Da triáde nosso próximo filósofo é Aristóteles, ele divide as virtudes em duas: a **moral** e a **intelectual**. O estagirista, como ficou conhecido, também propõe que as virtudes também advêm da alma, a primeira proveniente da alma apetitiva e a segunda fruto da alma racional. Na **virtude moral**, ou **Virtude de caráter**, se agrupariam nossos costumes, hábitos e práticas. Ela ocorre em função do meio-termo ou justa-medida, em outras palavras, a equidistância entre uma falta e um excesso. Como a virtude da

coragem, que é o meio-termo entre a temeridade - ausência de medos - e a covardia. Além de agir conforme o meio-termo, virtuoso ainda é aquele que se guia pela racionalidade. Deste jeito, temos a denominação de **virtude intelectual** ou **virtude dianoética**. A mesma nasce e se desenvolve no homem conforme a aprendizagem dele, sendo é trabalhada em função da educação e da experiência do indivíduo. Nela se encaixa a arte - *Téchne* - e a prudência - *phrónesis* -. A citada primeiro, a arte, se refere a racionalidade produtiva, o uso do intelecto para produzir algo diferente de si mesmo. A ditada por segundo, a prudência, é traga a tona quando são utilizados recursos racionais para decidir quais as melhores formas de atingir determinando bem. Notamos aqui que em Aristóteles é notório uma relação lógica que encaminha para vida ética na sociedade. Isso se percebe, sobretudo, por estarmos diante de um pensador que aborda o conhecimento a partir de uma ótica realista, marca singular de sua filosofia.

3. QUEDA DA IDEIA GREGA

O modelo de virtude aristotélico perdurou até o Renascimento, com a gênese de outras teorias da filosofia moral, como a deotologia e o utilitarismo (consequencialismo).

Estas teorias são produtos do século XVIII, um século devotado a derrubar os privilégios hierárquicos que tinham caracterizado as monarquias europeias até então. Essas teorias expuseram a injustiça da desigualdade, enfatizando a importância da imparcialidade e da objetividade. (WEYNE, 2012, p.15).

O conceito de virtude começa a ser visto de uma forma diferente, neste momento histórico, com as reflexões de alguns autores deste século, dando destaque para Immanuel Kant, Jeremy Bentham, Jonh Stuart Mill, Thomas Hobbes e Friedrich Nietzsche. Certamente é possível compreender uma abordagem instrumental da ética. O 'Espírito do Tempo', ou seja, o Iluminismo, surtiu seus efeitos e influências que levaram a tantas concepções práticas da ética na vida social.

Um pouco antes, em 1513, é publicado *O Príncipe*, de Nicolau Maquiavel, que segundo alguns foi uma tentativa de aproximação dos mais poderosos. Nele, o político italiano trás um conceito de virtude distante do apresentado pelo Estagirita, Aristóteles. A virtude estaria relacionada com força de vontade, astúcia, violência e poder, seja político ou militar. O conceito arcaico de virtude seria perigoso contra a própria vida, em uma época em que poucos são virtuosos. Maquiavel ver virtude e ética como ideais utópicas e que atrapalhariam o indivíduo na obtenção de sucesso e prosperidade. É a típica ética utilitarista em suas origens, fato que mais tarde com Jeremy Bentham e Stuart Mill seria confirmado na práxis política. Por isso a ideia de que os fins justificam os meios é atribuída ao filósofo. Nesta ótica, "Maquiavel mudou o foco: não mais a predestinação estabelecida pela divindade e seus representantes, mas a ação humana como elemento definidor do destino do próprio homem". (CASTILHO, 2023, p.38).

No século XVII, Thomas Hobbes admite seu pessimismo perante a natureza humana. Segundo ele, seres humanos são egoístas naturalmente, sendo movidos por desejos que beneficiam a si mesmos. Aqui o interesse

peçoal que determina o certo e o errado, o bom ou o mau, é revelação de uma atitude ética individualista e utilitarista. É possível questionar se a atitude humana é livre, espontânea e respeitosa para com o outro se o interesse pessoal e unilateral em primeira instância. Em Hobbes, força e fraude são definidas como virtudes, motivada por glória e lucro, assim, mais uma vez, é confirmada a característica utilitarista, marcada na filosofia hobbesiana pela conveniência, no que se refere ao cumprimento dos tratados, por exemplo.

Chegando mais próximo da nossa realidade contemporânea, Nietzsche, no século XIX, rejeita a moral tradicional pautada na cultura judaico-cristã conforme Jaspes, assim é expressa essa nova forma de filosofar, sobretudo a cerca da moral:

O ateísmo de Nietzsche é a expressão mais extrema de sua ruptura total com a substância histórica tradicional, na medida em que essa substância fala uma língua que exige uma validade universal: para ele, todos os ideais do homem desapareceram, ele busca rejeitar a moral, abandonar a razão e a humanidade; ele vê a verdade como uma mentira universal; a filosofia até aqui é uma constante ilusão, o cristianismo, uma vitória dos desvalidos, dos fracos e dos impotentes; não há nada sagrado, válido, que seja afetado por seu juízo. (JARSPERS, 2015, p. 621)

Assim, para Nietzsche, a ideia de uma moral que existe por si mesma é errônea, pois segundo o referido filósofo, a moral se constrói a partir de um conjunto de valores e costumes, assim, percebemos que há uma relação direta com o homem que naturalmente desconsidera as explicações que possam advir de razões sobrenaturais. Deste modo, as virtudes seriam voltadas para meros mortais com moralidade de escravos e não para o novo ser humano superior que ele chama de super-homem, o qual ele idealizava. O filósofo

alemão trouxe uma mudança de paradigma muito grande com o lançamento do seu livro *A Genealogia da Moral*, sobretudo por que nesta obra a ética é pensada na perspectiva de destituir a moral em vigente, como supracitado.

A abordagem a respeito da ética é sempre presente na vida humana e atualiza-se a cada momento histórico. Os filósofos contribuem sempre com exposições críticas e que despertam nossa atenção possibilitando perceber as diferenciações ao logo do tempo. O fato é que a cada instante naturalmente somos parte ativas de um modo ético de viver. Refletir a vida, por assim dizer, é por sinal atitude ética, filosofia aplicada a nós mesmos. Deste modo, faz necessário conhecer a história da evolução da ética, e concluir que estamos diante da pluralidade ética, fato que só se ver no plano mais elevado, ou seja, o que nossa reflexão pode contemplar, sobretudo a história, a cultura, o ser humano no tempo e no espaço de da cada elo da existência.

CONCLUSÃO

O conceito de virtude, desde a grécia antiga, sofre com as mais variadas alterações conceituais. Primariamente, nasce nas literaturas de Homero e Hesíodo. Sendo vista como uma característica própria dos nobres e guerreiros, com Homero, denotando bravura, destreza e honra. Em Hesíodo, validando o trabalho duro e a justiça. Por fim, chega a filosofia. Com Sócrates defendendo que a virtuoso era aquele que conhecia o bem. Posteriormente em Platão, que definia as quatro virtudes cardinais: A fortaleza ou coragem, a temperança, a sabedoria ou prudência e a justiça. Sucessivamente,



chegamos em Aristóteles, onde virtude é o ponderamento entre um excesso e uma falta. Virtude aristotélica que se dividia em intelectual e moral, a primeira guiada pelo racional e a segunda pelo meio-termo.

Saindo da antiguidade, vemos os conceitos gregos aristotélicos sendo desvalorizados pela ascensão de novas teorias e pensamentos acerca da filosofia moral, a partir do período do Renascimento.

Diante de tudo que fora abordado, cabe a todos colocar-se aberto ao por vir, ou devir, de modo atento, com um olhar reflexivo no sentido filosófico, para que não sobrevenham realidade antiéticas, que desvirtuem as pessoas e as façam caminhar para a negação da dignidade humana. A ética em sua prática é uma garantia desse direito tão importante, fundamental na vida humana, em síntese.

REFERÊNCIAS

CASTILHO, Ricardo. Filosofia geral e jurídica: Editora Saraiva, 2023. E-book. ISBN 9786553624580. Disponível em: <https://app.minhabiblioteca.com.br/#/books/9786553624580/>. Acesso em: 07 dez. 2023.

CRUZ, Jorge Silva. **Ética das virtudes: em busca da excelencia**. Revista de Medicina, v. 99, n. 6, p. 591-600, 2020.

DA SILVA, S. L. **A ÉTICA DAS VIRTUDES DE ARISTÓTELES**. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Centro de Ciências Humanas, Universidade do Vale do Rio dos Sinos. São Leopoldo, p. 76. 2020.



JASPERS, Karl. **Introdução à Filosofia de Friedrich Nietzsche** Grupo GEN, 2015. E-book. ISBN 978-85-309-6372-9. Disponível em: <https://app.minhabiblioteca.com.br/#/books/978-85-309-6372-9/>. Acesso em: 15 nov. 2023.

MULINARI, Filicio. **Introdução à Ética de Aristóteles**. YouTube, 20 de mai. de 2021. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=dP7U-3g1UIw>>. Acesso em: 22 nov. 2023.

PORFÍRIO, Francisco. **Eudaimonia**. Mundo Educação, c2023. Disponível em: <<https://mundoeducacao.uol.com.br/filosofia/eudaimonia.htm>>. Acesso em: 22 nov. 2023.

RENNÓ, Pedro. **ARISTÓTELES PARA O ENEM (ÉTICA)**. YouTube, 15 de março de 2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=FHF1HBpjLXw>>. Acesso em: 22 nov. 2023.

WEYNE, Bruno C. **O princípio da dignidade humana: reflexões a partir da filosofia de kant**, 1ª Edição. Editora Saraiva, 2012. E-book. ISBN 9788502182806. Disponível em: <https://app.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788502182806/>. Acesso em: 07 dez. 2023.